

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
AV. COSTÁBILE ROMANO, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2025

ANO 10 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: GLAUCO TOLEDO

O futuro da arte diante da inteligência artificial

Doutor em Comunicação e mestre em Imagem e Som fala sobre o futuro da arte diante das IAs

Repórter: Attie Bittar

Glauco Toledo é doutor em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi e mestre em Imagem e Som pela UFSCar (Universidade Federal de São Carlos). Amante de filmes e séries, é também apresentador e comentarista do podcast Cliffhangers, onde comenta sobre a narrativa e as características únicas de episódios pilotos de séries. Atualmente é professor dos cursos de Design Gráfico e de Marketing Digital, da Unifafibe, em Bebedouro e tem artigos publicados sobre cultura participativa e o público investigador. Glauco é especialista em storytelling e interessado no avanço das inteligências artificiais na arte e no cotidiano das pessoas.



hora e meia, duas horas, te conta uma história e tem um status mais nobre do que o produto seriado. A telenovela aqui no Brasil, a série, a minissérie, são entendidos como um produto mais industrializado. A televisão sempre foi entendida como um produto subalterno ao cinema. Então, em primeiro lugar, é corrigir essa distorção e fazer a discussão a partir do ponto de partida, isso é um convite ao podcast Cliffhangers, de embarcar nessa trajetória de discutir o piloto com profundidade, e permitir que você decida se quer embarcar ou não nessa discussão.

Com cada vez mais o conteúdo sendo consumido a partir de cortes, muitos dizem ter dificuldade em assistir filmes e séries. A nossa relação com o que consumimos está mudando? Se eu percebo que um filme de três horas já não é mais viável, mesmo quando é um blockbuster, eu vou começar a trabalhar de outras maneiras. De uma certa forma, o que as séries estão demonstrando é que a possibilidade de

fracionamento é mais evidente. Por isso vão ter séries menores, por um lado isso é bom, porque eu vou ter uma variedade de formatos maior. Hoje existem séries para redes sociais, produtos seriados ficcionais para Reels ou TikTok, com episódios minúsculos, microcapítulos, com um ou dois minutos, que funcionam e têm seu público. Quanto menos tempo você tem, menos profundidade você consegue em cada coisa. Isso não é uma regra absoluta, mas é uma proporção lógica. E aí eu sempre vou ter um pouco de cada coisa, então terão mais produtos rasos. A tendência é que o fracionado diminua de tamanho.

Com o início da era das inteligências artificiais, como você vê a relação da produção audiovisual com conteúdo gerados por IA? A inteligência artificial é uma ferramenta inescapável, no sentido de que você pode jamais usá-la, mas vai estar imerso num ambiente em que as pessoas vão estar olhando e pensando que você poderia estar usando. Então, um pouco dessa lógica vai contaminar o olhar do

internauta de redes sociais. Desse ponto de vista, eu estou sob o jugo do olhar de quem está na expectativa de que ele esteja vendo algo com IA. Do ponto de vista de como a ferramenta funciona, eu acredito que a inteligência artificial vai colocar na mão de pessoas que não tinham capacidade técnica ou financeira, uma quantidade imensa de recursos que a gente sabe que o audiovisual demanda. Ao mesmo tempo, se a IA permite que eu gere qualquer tipo de vídeo, e qualquer tipo de vídeo pareça real, daqui a pouco a gente não vai mais ser capaz de reconhecer quando é IA, a não ser que fique óbvio. Como realizador, a IA é uma ferramenta que possibilita produzir certas coisas que eu não tinha dinheiro para produzir, como colocar em frente à câmera um carro explodindo, por exemplo. A diferença não é tão grande e a IA vai me trazer acesso a esse tipo de recurso. Ela está modificando muito a maneira como lidamos com o conteúdo.

No Oscar desse ano, Emília Perez e o Brutalista utilizaram de ferramentas de IA para alterar sotaques e tom de voz de atores. Para você, esse uso será o futuro da IA no cinema? Já usamos sem saber. Usamos elementos que são raciocinados pela máquina e não por nós há muitos anos, tanto em tratamento de som, tratamento de imagem, em uma grande quantidade de coisas. Se você pensar no corretor ortográfico, já é uma máquina raciocinando por você ou, às vezes, trocando sem você autorizar. Isso já existe e está em uso. Nesse momento, estamos tomando um pouco mais de conhecimento disso, porque ficou escancarado a tal ponto que a máquina está substituindo o rosto do ator e da atriz que eu gostava. Os atores e atrizes eram quem tinham de fazer o sotaque, então tinha que selecionar

um ator que fosse capaz de fazê-lo. Se o cara não é capaz de fazer um sotaque convincente, eu tenho que trocar de ator. Se eu não queria trocar de rosto, eu punha um outro ator de voz para dublar o meu ator. Você quer um exemplo? Se você assistir aos filmes do Zé do Caixão e prestar atenção na voz do personagem, você vai ver que ela não é a voz do José Mojica. Em qualquer entrevista que você assistir, vai ver que o timbre é diferente, que o sotaque é fortíssimo e a maneira como ele fala é diferente. Ainda hoje está muito distante de termos um bom nível de atuação de voz de IA. Mas, pode ser que daqui a pouquinho a gente esteja bastante satisfeito com o que a IA é capaz de fazer. Vai substituir o ator ou matar o trabalho? Não, estou argumentando que a IA vai ficar melhor. Para um resultado melhor eu vou usar o ator profissional, mas, talvez, para o usuário mediano substituir por uma ferramenta de IA, seja satisfatório e baste. ◆

MURAL ENTREVISTA – O que te motivou a cursar Audiovisual e Comunicação? GLAUCO TOLEDO – Eu sempre fui uma pessoa atenta a processos comunicacionais, mesmo quando eu era leigo. Eu percebi que as pessoas compravam uma ideia de vida, uma maneira de ser, uma coisa que a gente nem viveu, mas assistiu os outros vivendo. Eu percebi que isso influenciava as pessoas à minha volta, mesmo quando criança. Eu fiquei muito fascinado com a ideia de entender como funcionava, então eu embarquei nesse caminho de construir, decifrar e analisar a comunicação e o audiovisual.

Sua paixão por storytelling, especialmente de episódios piloto de séries, é o tema de seu podcast, Cliffhangers. O que o fascina nesses episódios? Falar sobre episódios piloto é dar aos episódios de série um status equivalente ao de um filme longa-metragem. Um filme comum de uma

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Apuração e Gêneros Jornalísticos, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO
Profº Geraldo José Santiago

ORIENTAÇÃO E EDIÇÃO
Profª Elivanete Zuppolini Barbi

PAUTAS, ENTREVISTAS E REDAÇÃO
Alunos da disciplina Apuração e Gêneros Jornalísticos – 2ª etapa

APOIO TÉCNICO
Janio Warlem (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)